

# EVANGELIZAÇÃO E INCULTURAÇÃO HOJE

Reginaldo D. Alves e Luís A. Socchiarelli  
estudantes do PIME — 2º ano

## Introdução

É preciso ter coragem para falar sobre o tema “evangelização e inculturação”, justamente porque vivemos num período onde quase todo mundo tem algo a dizer sobre o assunto.

De nossa parte, pensamos ser necessário destacar os novos caminhos que a humanidade está iniciando nesta década de 90, para depois emitir uma opinião sobre o “paradoxo” *mandato-missionário X respeito-à-cultura*. Porque falamos em “paradoxo”? Porque o “mandato” é uma ordem imperativa — “Ide e ensinai” (cf. Mt 28, 19-20) — com uma mensagem, uma visão de mundo própria, a ser transmitida e comunicada, um Salvador a ser anunciado. . . e o “respeito à cultura” é a aceitação da visão de mundo, da perspectiva própria, inclusive da crença, do interlocutor. Como, pois, conciliar o anúncio do Evangelho com o respeito à cultura?

---

## Tanto se denuncia a destruição, em nome do Evangelho (!), de culturas tão preciosas

---

Mais viva ainda se torna esta questão neste ano dos “500 anos de evangelização” da América Latina, em que tanto se denuncia a destruição, em nome do Evangelho (!), de culturas tão preciosas como as dos inca e aztecas e maias, só para mencionarmos os povos mais evoluídos do continente descoberto/invasado por Colombo e suas caavelas em 1492.

### 1. Novos tempos e novos problemas

**1.1 Volta à subjetividade.** Um dos sinais de mudança da humanidade, e isto diz respeito também ao povo latino-americano, é a revalorização do sujeito. Não estamos falando de movimentos que fomentam o narcisismo, com a conseqüente canonização do Eu. Trata-se, antes, de uma atenção para a subjetividade por todos aqueles que desejam a transformação da ordem fixa do mundo via pessoas conscientizadas. É a subjetividade do espaço para cada ser humano ser realmente humano. O ex-presidente Gorbachev, em uma de suas entrevistas, dizia: “Num tempo como o que vivemos, devemos empenhar-nos ao máximo para que cada cidadão saiba mais”. Só pelo caminho da conscientização é que se vislumbra, humanamente falando, um mundo melhor.

**1.2 Migrações e nacionalismos.** A partir dos acontecimentos do mês de novembro de 89 o mundo não é mais o mesmo. A queda do muro de Berlim, o fim do Estado comunista, o desmantelamento do império soviético, possibilitaram inúmeras reações inesperadas, entre as quais, as migrações. Hoje vê-se com preocupação a itinerância dos povos, principalmente dos mais pobres. Os albaneses que invadiram o sul da Itália, os mexicanos que se infiltraram nos EE.UU., os africanos em quase toda a Europa Ocidental, os brasileiros em Miami etc., todos esses fatos provocaram reações e o conseqüente fechamento para os “novos bárbaros” que vêm do Sul. Situações como esta provoca-

ram, também, a volta dos nacionalismos. Os países da antiga URSS, que se declararam independentes; o conflito entre sérvios e croatas, inquietação entre tchecos e eslovacos, o próprio movimento separatista de estados brasileiros etc. Em meio a uma itinerância geral, o desejo da autonomia política, econômica, religiosa. Enquanto uns não têm onde se agarrar, outros se fecham, buscando a própria sobrevivência.

**1.3 Nova ordem mundial.** Diante destes fatos (existem tantos outros), podemos falar de uma nova ordem mundial? Ou não seria melhor pensarmos em tudo o que está acontecendo como uma “desordem mundial”? Todos nós, de forma direta ou indireta, nos encontramos dentro destes acontecimentos. Parafraçando o ex “imexível”, ex-ministro do Trabalho, “somos humanos”. . . Assim, não poderíamos não ser afetados pelas mudanças internacionais e nacionais. Quando digo “nós”, entendo referir-me aos cristãos engajados, particularmente aos estudantes de Teologia a quem, em particular, a nossa mensagem se dirige.

Enfim, tudo isso tem ligações diretas com a evangelização, com a pessoa de Jesus e seu anúncio, com nossos estudos teológicos, com nossa atividade pastoral e com nossa explicitação sempre atual do amor de Deus pela humanidade.

### 2. O mandato missionário e o mundo em evolução

Embora de forma resumida, tivemos uma idéia de como está a situação do homem neste final de século e de milênio. Diante de tudo isto está a atividade missionária, em particular do PIME (Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras), sempre buscando, cada vez mais, um renovado ardor pela causa do Reino (cf. “Redemptoris Missio”, n° 33).

Onde devemos situar-nos? Qual o melhor caminho a percorrer para uma evangelização das culturas? Como enfrentar as mudanças que estão ocorrendo, acompanhando a sua velocidade? Como situar-nos diante do desafio: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15)?

Como seminaristas do PIME, que se preparam para as missões “ad gentes” (cf. RM cap. IV), estas e outras questões nos preocupam e queremos, neste espaço, compartilhar nossas opiniões e anseios.

“A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos, e particularmente do nosso, é a de dirigir o olhar do homem e orientar a sua consciência e a experiência da humanidade inteira para o mistério do Cristo” (RM n° 4, citando a “Redemptor Hominis” 27). Na fé de que a salvação só pode vir de Jesus Cristo, eis a nossa opinião para se viver o mandato missionário no interior de cada cultura:

---

## Não se pode anunciar devidamente a Boa-nova se não se conhece e vive suficientemente a Boa-nova mesma

---

**2.1 Unificação com Cristo e com o outro.** Em primeiro lugar, não se pode anunciar devidamente a Boa-nova se não se conhece e vive suficientemente a Boa-nova mesma. Condição também

lógica para o Papa João Paulo II, quando afirma: "Os homens só poderão entrar em comunhão com Deus por meio do Cristo, sob a ação do Espírito" (RM n° 5), isto é, se houver uma necessária "passagem" pelo único Caminho. Condição, pois, imprescindível para se cumprir o mandato missionário: amar, conhecer e viver intimamente a vida daquele que é a razão de ser do trabalho de evangelização das culturas, isto é, a vida e a Boa-nova de Jesus Cristo, filho de Deus (Mc 1,1).

Outro momento é este: a unificação com o outro. Não qualquer e mera união; mas aquela que conduz ambos a uma nova experiência de humanidade (cf. Teilhard de Chardin, Fenômeno Humano). Todo o Evangelho é um exemplo de humanidade. O encontro de Jesus com a mulher adúltera (Jo 8, 1-11), p.ex., possui um valor particular para demonstrá-lo. Jesus, neste e noutros episódios, põe às claras o que significa unificação com o outro. Ele simplesmente dá total atenção àquela mulher. Não a vê como *um caso* de adultério, mas como um ser humano acusado de adultério, o que, pelo fato de tratar-se de uma mulher, tornava a situação ainda mais vexatória para ela. Portanto, não acreditamos nem numa evangelização, nem numa inculturação, nem nos evangelizadores que não procuram, ao longo de seu ministério, aplicar a Boa-nova de Jesus com empatia por aqueles aos quais ela é dirigida.

Não é preciso desenvolver aqui as conseqüências positivas deste respeito pelo outro, desta "complexificação" (Teilhard de Chardin, Meio Divino). O Evangelho não entra na vida de ninguém, para sempre, mediante a força. Entra pela porta do amor, isto é, da consideração pelo outro. Vamos juntos procurar caminhar, ouvir, compreender, repreender quando necessário, o irmão(ã) a ser evangelizado(a), mas não com a minha psicologia, a minha moral, a minha visão de mundo e de felicidade, de regras do bem-viver... mas com a pessoa e a vida e a palavra do Salvador Jesus.

---

## Evangelizar as culturas, sim, mas pela inculturação do Evangelho!

---

**2.2 Comunicação inculturada.** Pensamos que um segundo elemento necessário para a evangelização das culturas, dentro do contexto do nosso mundo moderno, é a *comunicação*. Sabemos que a filosofia nos apresenta como instrumento de transformação do mundo o *diálogo*. E parece que caminhamos realmente nesta direção. Não se consegue mais nada pela força das armas, mas pela energia da persuasão, isto é, da palavra franca e persuasiva.

Além do mais, o ser humano necessita ser ouvido; caso contrário, revolta-se. Especialmente neste fim de século, a comunicação se torna cada vez mais necessária. Homem e Mulher estão se transformando. Em nenhum campo há mais espaço para ditaduras, monopólios que se fixam no poder, e de lá emanam suas ordens. É preciso, de agora em diante, quebrar as funções. Ligue a TV e comprove.

Se estas necessidades estão se manifestando nas áreas sociais, também a religião deve se cuidar. Numa época de diálogo, o mandato missionário deve buscar o contacto com as culturas pela via do missiário. Não basta pendurar nas paredes as estatuetas dos africanos, as flechas dos índios, "comer e viver como eles vivem e comem"... Isto é importante, mas um passo mais é necessário: falar de Jesus com as estruturas de pensamento existentes no local onde estou. Evangelizar as culturas, sim, mas pela inculturação do Evangelho!

Trata-se de trabalho árduo, sem dúvida, mas a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo vem dizer-nos que isto é possível: "Coragem, eu venci o mundo" (Jo 16,33).

**2.3 Formação da Igreja local:** No desafio do mandato missionário, um terceiro elemento se levanta: a formação da Igreja local. Para nosso Instituto é fundamental criar condições para que a comunidade caminhe por si própria. Este é o nosso sonho. Portanto, nada de fixismos nem paternalismos. Quando uma comunidade é capaz de caminhar sozinha, temos de partir adiante. É o que aconteceu, p.ex., na África negra, cujo episcopado, agora, 100 anos apenas depois do início da evangelização moderna do continente, é autóctone em sua grande maioria (recordar, a propósito, o passo histórico de Pio XI, em 1930, sagrando os primeiros bispos africanos!).

Numa inculturação do Evangelho, mais uma vez Jesus Cristo é o modelo: "Ele tinha a condição divina, mas não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente" (cf. Fl 2,6-11). O despojamento é o elemento humano que sintetiza toda a obra missionária, seja "*ad gentes*", seja "*ad intra*" (cf. RM n° 44).

### Conclusão

Concluindo, apontamos ainda uma última condição para se encarar de frente o "paradoxo" *mandato-missionário X respeito-à-cultura*: pegar o trem da história. Vimos, na primeira parte deste artigo, as mudanças radicais que estão ocorrendo em nosso tempo. Se não colocarmos nossa teologia em paralelo aos novos acontecimentos, então não poderemos mais falar, comunicar com o Homem e a Mulher do século XXI, simplesmente porque não estaremos à sua altura.

A imposição, o grito, a espada: elementos que para uma época foram "válidos"... a América Latina que o diga! Não mais o podem ser, porém, para uma humanidade "tão radiante e conscientizada" (Teilhard de Chardin, Mundo-Homem-Deus) como a que há de vir no terceiro milênio.

Utopia e otimismo demais? Desde que com os pés no chão, nunca é demais ousar. Como o Papa, no final da sua encíclica missionária, também nós vemos "alvorecer uma nova época missionária, alvorada que se transformará em dia radioso e pleno de frutos se todos os cristãos, e em particular os missionários e as jovens Igrejas responderem com generosidade e santidade aos apelos e desafios do nosso tempo" (RM n° 92).

Endereço da autora do artigo anterior:  
Ir. Terezinha Milanez DP  
alc Provincialado das Irmãs  
rua Hermann Blumenau, 10 — centro  
88020-020 — Florianópolis, SC